



## UM OLHAR PARA A INCLUSÃO: Estudo de Caso

Antônio Raimundo Alves da Costa <sup>1</sup> ; Beatriz Pires do Nascimento <sup>1</sup>; Dandelson Darlan Alves de Carvalho<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologias do Piauí- campus Teresina Central

**RESUMO:** *O presente trabalho constituiu-se num estudo de caso onde foram analisadas as concepções de uma professora e dois de seus alunos, uma aluna portadora de deficiência visual e um aluno não deficiente, ambos do curso de Graduação em Ciências Biológicas do Instituto Federal do Piauí campus Teresina Central. Atualmente muito se discute sobre a inclusão de pessoas com necessidades específicas nas escolas de ensino regular, mesmo assim, ainda são necessárias várias análises sobre as abordagens metodológicas adotadas para facilitar esse processo, o que nos motivou a promover uma investigação a fim de saber se o processo de inclusão, particularmente nos cursos de graduação do IFPI neste campus, realmente está atendendo às necessidades que surgem no decorrer da formação destes alunos, bem como, se os recursos utilizados realmente são adequados e capazes de promover uma educação por excelência. Assim o objetivo foi conhecer as dificuldades que cada um enfrenta no processo de ensino e aprendizagem e de como é a relação entre os mesmos em sala de aula, com vistas na observação da qualidade do ensino inclusivo ofertado. Para a melhor visualização e entendimento dos resultados alcançados, foram relatadas as principais respostas de cada entrevistado, consideradas como relevantes para o desenvolvimento do processo educativo. As análises feitas a partir das entrevistas, permitiram-nos atentar as divergências nas falas sobre as tecnologias usadas para facilitar a aprendizagem e sobre a relação professor e aluno, que na maioria das vezes é superficial, onde o professor não se sente motivado a buscar novas estratégias de ensino, que possam ajudar o aluno a desenvolver competências indispensáveis à formação acadêmica.*

### INTRODUÇÃO

Sabemos que a educação no Brasil ainda passa por graves problemas que afetam diretamente a qualidade do ensino que é desenvolvido nas escolas. Seja por falta de estrutura física das escolas ou mesmo por falta de inovação metodológica dos professores em decorrência da precariedade de recursos que possam garantir o aprimoramento de suas aulas.

Quando o ensino envolve pessoas portadoras de necessidades especiais, os desafios passam a ser ainda maiores, por necessitarem de um atendimento especializado e diferente do adotado com os outros alunos, ou seja, recursos didáticos diferentes que possam facilitar aos mesmos desenvolverem uma aprendizagem significativa.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira – LDB- entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. Segundo essa lei é obrigação dos estados e da união ofertar o acesso e permanência desses alunos aos estabelecimentos de ensino (Art. 58).

No referido artigo, no paragrafo primeiro, está descrito que haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

Na atualidade é muito discutida a questão de inclusão das pessoas com deficiência no sistema educacional regular, porém devemos nos perguntar se esse processo de inclusão realmente atende às necessidades que surgem no decorrer da formação dos alunos com necessidades especiais e se os recursos utilizados são adequados e capazes de promover uma inclusão efetiva.

Para Vygotsky “a relação educativa constitui-se, como tal, na medida em que se desenvolvem mediações (ações, linguagens, dispositivos, representações) que potencializem a capacidade de iniciativa e de interação das pessoas” (VYGOTSKY apud MIRANDA & FILHO, 1997).

Diante disso, é pertinente que se fale aqui da qualidade do ensino que o estudante com deficiência está sujeito ao ser incluído no ensino regular. Mas será que o processo de inclusão está se concretizando de forma significativa a fim de propiciar uma aprendizagem efetiva dos conteúdos?

Assim, na tentativa de obter uma resposta para a pergunta citada acima, realizamos uma entrevista com três pessoas que estão diretamente ligadas a essa problemática. Uma aluna de graduação com deficiência visual, um aluno não deficiente e uma professora que ministra aulas na mesma classe, com o objetivo de conhecer as dificuldades que cada um enfrenta no processo de ensino e aprendizagem, e de como se dá esta relação professor - aluno deficiente – aluno não deficiente na perspectiva de observar a qualidade desse ensino inclusivo.

## **METODOLOGIA**

Observando o processo de ensino de pessoas com necessidades especiais, surgiu-se a necessidade de investigar como ocorre o processo de inclusão desses alunos nas redes regular de ensino, particularmente nos cursos de graduação do Instituto Federal do Piauí, *campus* Teresina Central.

Para isso, foram escolhidas como sujeitos desta pesquisa a professora, a aluna deficiente e o aluno não deficiente. Em seguida foram marcadas entrevistas com cada um destes, em horários diferentes, para não interromper o andamento das aulas e conforme o horário de disponibilidade dos mesmos. As entrevistas tiveram caráter qualitativo, e constituíram-se de questionários com cinco perguntas para a professora, cinco para o aluno não deficiente e oito para a aluna portadora de deficiência. Todas as perguntas eram subjetivas, com vistas a obter melhor clareza das respostas a serem recolhidas dos entrevistados.

A entrevista foi realizada com os alunos do curso de licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal do Piauí (IFPI), feita por alunos dos cursos de licenciaturas da mesma instituição, ambos os alunos deficiente e não deficiente, são da mesma turma, e a professora entrevistada ministra a disciplina de Biofísica.

Utilizamos um dispositivo de celular para gravar as falas dos entrevistados, e posteriormente transpomos as respostas em forma de relatório para a apresentação dos resultados.

Depois de feitas as entrevistas, procederam-se análises a cerca das narrativas fornecidas pelos três sujeitos, confrontando suas respostas e pontos de vistas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Para a melhor visualização dos resultados resolvemos relatar as principais respostas de cada entrevistado, considerando as respostas como relevantes para o processo de ensino-aprendizagem. Perguntamos para a professora se a aluna acompanha as atividades e participa das aulas, segundo a professora, por ser a primeira vez que estava trabalhando com um aluno deficiente, ela não sabia que a aluna tinha deficiência, somente no primeiro dia de aula, já no final, é que ela tomou ciência da situação. Mas quanto à pergunta, a professora diz que a aluna consegue acompanhar bem as aulas, os alunos são bastante preocupados com ela, dando-lhe muito apoio e que a mesma tem uma monitora que o acompanha durante as aulas. Sempre que tem trabalhos em grupos, todos os alunos se manifestam em ajudá-la, colocando sempre uma parte pra ela apresentar, embora sendo uma parte mais simples. Com isso, a professora já responde outra pergunta que versava sobre a relação entre os alunos não deficientes com o deficiente.

A opinião da professora sobre a inclusão de pessoas com deficiência na rede regular de ensino é que a princípio pensava que seria mais interessante que as pessoas com deficiência tivessem uma escola própria, com um atendimento mais específico, porém depois que começou a trabalhar com a aluna deficiente sua visão passou a perceber a importância da convivência dessas pessoas com as outras, tanto para o desenvolvimento dela quanto para os dos outros alunos.

Conforme a narrativa da professora, podemos observar que a mesma demonstra ter um interesse em dinamizar suas aulas a fim de facilitar o processo de ensino dessa aluna. Mas a principal questão abordada é a falta, na sua formação acadêmica, de fundamentos pedagógicos que abordem o processo de inclusão. Esse problema reflete a realidade de muitos professores da rede regular de ensino brasileiro que não apresentam formação suficiente para desenvolver a inclusão efetiva prevista por lei.

Diante disso, “a formação continuada em processo tem se configurado como uma possibilidade de pensar as demandas escolares e os processos de escolarização dos sujeitos que também são público-alvo da educação especial” (MIRANDA & FILHO, 2012).

Apesar de ser assegurada por lei a formação de professores com viés na inclusão de seus alunos, ainda é precária a oferta de profissionais capacitados aptos a trabalhar no contexto da realidade citada.

Quando perguntado para o aluno não deficiente sobre a participação da aluna não deficiente nas aulas, ele relata que raramente a aluna interage a não ser que o professor use alguma estratégia para que ela venha a participar, diferente do que foi dito pela professora. Ele conta ainda que são poucos os professores que utilizam alguma estratégia metodológica, na maioria das vezes os professores só falam, ela ouve e memoriza. Tratando-se dos recursos que os professores podem está usando para melhor aprendizagem da aluna, o aluno entrevistada diz que as disciplinas pedagógicas não fornecem muito materiais, geralmente são expositivas, mas nas disciplinas específicas alguns professores trazem matérias para que ela possa compreender o assunto.

O processo de inclusão de alunos com necessidades especiais vai além da relação de ensino do professor e de aprendizagem desempenhada pela aluna. Para que haja um bom andamento é crucial que os alunos que fazem parte da mesma sala possam criar formas que facilitem a aprendizagem de todos, desmistificando preconceitos e favorecendo a integração dos sujeitos envolvidos no processo.

Quando perguntamos para a aluna deficiente se os professores utilizam recursos para melhorar sua aprendizagem, ela cita duas disciplinas: Embriologia onde o professor utiliza recursos

do laboratório para ajuda-la; e Anatomia onde o professor e seus colegas de classe produzem modelos 3D palpáveis para visualização proporcionando um melhor entendimento.

Ao interrogarmos a aluna sobre a perspectiva de melhora desde quando começou a estudar na instituição, ela narra que as melhorias alcançadas chegaram apenas recentemente, pois no início os recursos que poderiam lhe ajudar na aprendizagem não estavam sendo bem utilizados.

A respeito das dificuldades que a aluna sofre no processo ensino-aprendizagem, ela conta que a principal dificuldade é no momento em que o professor faz uso de imagens que são fundamentais para o entendimento do assunto, mas ela explica que sempre quando têm imagens os colegas e professores adotam a metodologia descritiva das imagens. Para a aluna o que poderia ser melhorado na instituição para se sentir mais incluída é em relação aos recursos de sala de aula, o computador que se faz muito necessário e a produção de material em braile.

Como aponta Miranda & Filho 2012, tal situação é um desafio, pois demanda professores detentores de conhecimentos teórico-práticos, bem como planejamentos coletivos, estratégias e metodologias de ensino e de processos de avaliação que possibilitem ao educador acompanhar o desenvolvimento de cada aluno que está em sala de aula.

Apesar de a estrutura arquitetônica ser crucial para o acesso dos alunos, um problema não tão visado pelas pessoas que pensam sobre esse processo de inclusão vai até além das questões pedagógicas. As necessidades que precisam ser superadas são baseadas no sujeito desse ato, cujo qual, deve apontar a melhor forma de desenvolver o processo que o inclua, tendo em vista que não existem metodologias prontas que garantam o sucesso dessa inclusão. É importante evidenciar a motivação do aluno como pontapé inicial para o alcance dos objetivos propostos.

## **CONCLUSÃO**

O desenvolvimento dessa pesquisa permitiu-nos atentar e justificar fatores visíveis, nos processos de ensino aprendizagem de alunos com necessidades especiais, mas que não são atentados na maioria das análises feitas a cerca desse processo.

Apesar de se oferecer as estruturas físicas básicas para o acesso e permanência de alunos especiais nas escolas, o processo de ensino e aprendizagem deve sofrer maior atenção, pois o processo de inclusão compreende-se além da metodologia pedagógica adotada, dos materiais utilizados para facilitação do processo, dos alunos não especiais da sala que devem ser trabalhados para oferecerem suporte necessário, até e principalmente, a metodologia de aprendizagem que os alunos especiais adotam. A inclusão propriamente dita deve ser entendida de forma primeira no



protagonista deste processo- o aluno com necessidade especial- para que estes cientes e motivados por seus objetivos podem nortear a melhor forma de desenvolver efetivamente a inclusão na sua classe, e assim em sua instituição.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

MIRANDA, T. G. & FILHO, T.A.G. **O professor e a educação inclusiva**, Edufba, Salvador, Bahia, 2012.

